

## Trabalhos Científicos

**Título:** Impacto Da Covid-19 Na Morbimortalidade Neonatal No Brasil Entre 2020 E 2024

**Autores:** MARIANA BICUDO WEINMANN (FMABC), LÍVIA SOUZA TOSETTI (FMABC), DAVID GARCIA DE ALCARAZ CONTI (FMABC), SOFIA DE PINHO PASSOS (FMABC), RAFAELLA BENITES (FMABC)

**Resumo:** Introdução: A pandemia de COVID-19 repercutiu intensamente na saúde mundial. As gestantes foram consideradas grupo de risco, apresentando maior vulnerabilidade a complicações obstétricas, como pré-eclâmpsia, parto prematuro e necessidade de internação em UTI. Conseqüentemente, recém-nascidos também foram afetados, seja pela rara possibilidade de transmissão vertical do SARS-CoV-2, seja, sobretudo, por efeitos indiretos decorrentes da sobrecarga hospitalar, redução no acesso ao pré-natal e limitações no atendimento neonatal. Embora alguns relatos de transmissão transplacentária tenham sido descritos, a COVID-19 neonatal foi branda e incomum. O maior impacto esteve relacionado ao aumento transitório de prematuridade, baixo peso ao nascer e variações na mortalidade neonatal, além da persistência de desigualdades regionais.<br>Objetivos: Revisar a literatura e dados entre 2020 e 2024 sobre o impacto da pandemia de COVID-19 na morbimortalidade neonatal no Brasil, com ênfase em prematuridade, baixo peso ao nascer, mortalidade neonatal e infecção neonatal por SARS-CoV-2.<br>Metodologia: Estudo epidemiológico, descritivo, transversal e retrospectivo, baseado em dados do SINASC, SIM, DATASUS, relatórios do Ministério da Saúde e publicações nas bases PubMed, SciELO e LILACS. Foram analisados os anos de 2020 a 2024, considerando prematuridade, baixo peso ao nascer, mortalidade neonatal precoce e tardia e infecção neonatal por SARS-CoV-2.<br>Resultados: Dados nacionais indicaram estabilidade nas taxas de prematuridade (cerca de 10,7%) e mortalidade neonatal (aproximadamente 6,9 por mil nascidos vivos), sem diferenças significativas em relação ao período pré-pandêmico. Contudo, alguns estudos relataram discreto aumento de prematuridade e baixo peso ao nascer em 2020–2021, refletindo em mortalidade neonatal precoce (9,8 8594, 11,2 por mil NV em 2021), seguida de redução progressiva até 2024. Óbitos neonatais tardios e pós-neonatais foram associados, majoritariamente, à prematuridade (71,7%) e ao baixo peso (50,9%). Os principais impactos foram indiretos, relacionados a atrasos no pré-natal, sobrecarga assistencial e redução temporária de triagens, como o Teste do Pezinho, cuja cobertura caiu cerca de 8% em 2020–2021, evoluindo para níveis >95% em 2023–2024.<br>Conclusão: Entre 2020 e 2024, a pandemia de COVID-19 não determinou mudanças permanentes na morbimortalidade neonatal no Brasil. Observou-se discreto aumento inicial de prematuridade e baixo peso, revertido nos anos subsequentes. O maior impacto foi indireto, decorrente da sobrecarga assistencial e das barreiras de acesso. A experiência reforça a importância de políticas públicas voltadas à equidade, manutenção de triagens neonatais e resiliência dos serviços de saúde diante de crises sanitárias.